

UMA PROFESSORA MUITO MALUQUINHA E O MANIFESTO DOS PIONEIROS DA EDUCAÇÃO NOVA: UM CASO DE INTERDISCURSIVIDADE

Neide Domingues da Silva
neidedomingues@yahoo.com.br

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4281416T3>

RESUMO

De acordo com a Análise do Discurso, o fenômeno da enunciação está intimamente ligado a questões históricas. Desse modo, a seleção de enunciados, em um contexto interativo, decorre de fatores sociais, espacial e temporalmente instaurados. Acerca da educação escolar brasileira em nível básico, podem-se evidenciar mudanças de paradigmas metodológicos por meio de práticas discursivas dos mais diversos gêneros, entre eles, legais, jornalísticos e literários. Nesse contexto, analisam-se algumas sequências discursivas do livro “Uma professora muito maluquinha”, publicado por Ziraldo em 1995. Essa história se passa numa cidade do interior de Minas Gerais na década de 40. No cotidiano escolar referenciado, bastante tradicional em termos didático-metodológicos, valoriza-se a memorização em detrimento da criatividade, preocupação da professora maluquinha em suas aulas “anarquistas”. Mencionam-se trechos de “O Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova”, publicado em 1932, haja vista sua representatividade em termos de resistência ao estado-de-coisas até então vivenciado na realidade educacional brasileira. Podem-se, por exemplo, contabilizar no manifesto em questão, protagonizado por Anísio Teixeira e outros intelectuais, 75 ocorrências de “espirit-”, morfema que evoca o uso da razão. Essa recorrência tem motivações no ideário iluminista, em transposição para o Brasil, principalmente na defesa do ensino laico, desvinculado da religião, além de deslocar o discente da condição de passivo a ativo no processo de aprendizagem escolar. A fundamentação teórica deste artigo embasa-se, sobretudo, em postulações de Foucault e Pêcheux que corroboram o pressuposto de que nenhuma formação ideológica, seja ortodoxa ou liberal, existe a priori. As ações humanas e também as palavras estão sempre à margem de outras que lhes são anteriores ou posteriores num processo de identificação ou desidentificação do sujeito. Pode-se considerar que o anonimato da protagonista sugere um apagamento do sujeito, ou seja, a posição-sujeito ocupada pela protagonista pode ser ocupada por outras professoras, igualmente “maluquinhas”.

Palavras-chave: Interdiscursividade; Posição-sujeito; Identificação; Desidentificação.

DISCURSO, INTRADISCURSO, INTERDISCURSO

A noção jakobsoniana de língua em que se prevê um emissor, que transmite, e um receptor, que recebe mensagens, está ultrapassada. Por meio de estudos fundamentados na Análise do Discurso, entre outras áreas linguísticas, refuta-se a ideia de que a expressão e a comunicação sejam processos independentes. Assim, é reconhecido que a formulação, tanto do pensamento quanto da expressão, é possível a partir do

compartilhamento de informações, referentes a determinado momento histórico, entre enunciador e enunciatário. De acordo com esse pressuposto, torna-se inconcebível pensar o funcionamento de uma língua, seja falada ou escrita, desassociado de fatores sociais.

Em outras palavras, os atos discursivos vinculam-se, direta ou indiretamente, a outros atos discursivos que os precedem ou sucedem num *continuum* ideológico em que se apagam os sujeitos, se confundem os autores. Assim, todo enunciado emerge em um contexto supragramatical em que se mobilizam sentidos, muitas vezes, não previstos pelo enunciador. Além de questões ligadas à memória dos sujeitos, é preciso reconhecer as limitações impostas por formações ideológicas e discursivas nas quais esses sujeitos se inscrevem. No âmbito escolar, são reconhecidas, por exemplo, as formações ideológicas “tradicional” e “moderna”, no que concerne a métodos de aprendizagem. Sobre a multiplicidade de sentidos possíveis para um mesmo enunciado ou a multiplicidade de enunciados que pertencem a uma mesma formação discursiva, Pêcheux (1997, p.51) afirma que o objeto linguístico se divide entre dois espaços: “o da manipulação de significações estabilizadas, normatizadas por uma higiene pedagógica do pensamento, e o de transformações de sentido, escapando a qualquer norma estabelecida a priori, de um trabalho de sentido sobre o sentido, tomados no relançar indefinido das interpretações”.

Em relação ao livro analisado, a professora maluquinha, inserida em uma formação ideológica educacional “moderna”, inscreve-se em uma formação discursiva conflitante com outras formações discursivas, associadas a uma formação ideológica “tradicional”. A adesão da maluquinha ao discurso educacional de modernidade decorre de fatores interdiscursivos que permitem, por exemplo, associá-la ao Movimento Escola Nova, contemporâneo do momento histórico que subsidia a narrativa em questão. A aversão de maluquinha ao discurso educacional de ortodoxia emerge de conflitos intradiscursivos, ou seja, os enunciados de maluquinha se opõem aos enunciados de outros funcionários da escola onde ela trabalha. Assim, desestabiliza-se uma orientação metodológica consensualmente estabelecida, legalmente institucionalizada, por meio da qual se pretende transferir aos discentes coleções de saberes prontos e inquestionáveis. A relação discursiva entre a posição-sujeito da professora maluquinha e as posições-sujeito

de outras professoras instaura evidências de que coexistem, no livro, formações discursivas e ideológicas díspares. Acerca desse discurso “estranho” materializado em oposição a outros discursos, Pêcheux (2011, p. 102) esclarece que “as pesquisas atuais tomam essencialmente por objeto o trabalho da heterogeneidade discursiva no jogo das contradições sócio-históricas: analisa-se uma sequência [discursiva] na sua relação com seu exterior discursivo específico”.

Assim, o outro, isto é, “a professora não maluquinha”, se constrói a partir da dessemelhança com “a professora maluquinha”, cujo eu-empírico representa um tipo social que começa a se configurar como gatilho para mudanças efetivas no modo escolarizado de aprender no Brasil. “O que se espera” de uma professora de séries iniciais no Brasil em meados de 1940, como é o caso da professora maluquinha, está previsto não apenas em documentos oficiais; mas, principalmente, na memória coletiva dos profissionais que, naquele período histórico, atuam na educação. Esse perfil profissional é construído por uma formação ideológica dominante, que se pretende questionar, no caso do livro em análise, por meio da literatura.

Concomitantemente a enunciados literários, multiplicam-se, no Brasil, enunciados jornalísticos, filosóficos, sociológicos, científicos, entre outros, interdiscursivamente relacionados, que defendem mudanças urgentes no cenário escolar nacional. Existe uma ilusão de autoria discursiva que nos faz considerar originais nossas ideias, palavras, posicionamentos. Isso também ocorre em relação aos enunciados materializados nas formações discursivas ligadas à educação no Brasil. Professores e outros que abordam esse tema falam de um determinado lugar, de natureza discursiva, de modo a selecionar determinadas construções linguísticas em vez de outras. Assim, não há enunciados imparciais. Todos manifestam algum tipo de proximidade ou distanciamento ideológico exterior ao sujeito falante. Essa noção de que a origem dos enunciados produzidos por um sujeito falante lhe é exterior é reconhecida nas palavras de Pêcheux (1997, p. 164): “diremos, então, que o ‘pré-construído’ corresponde ao ‘sempre-já-aí’ da interpelação ideológica que fornece-impõe a ‘realidade’ e seu ‘sentido’ sob a forma da universalidade (o ‘mundo das coisas’)”.

Em se tratando da prática discursiva da professora maluquinha, verifica-se um processo de “identificação simbólica” com o discurso de mudança nos paradigmas educacionais brasileiros. Nesse contexto, relacionam-se dimensões cognitivas, ligadas à consciência e inconsciência, lembrança e esquecimento. O dito, e também o não dito, remete a discursos que lhe são anteriores numa retomada de formações discursivas afins, eficientes para a estruturação coerente de enunciados, que remetem a determinadas formações ideológicas. Acerca da ativação cognitiva no exercício da discursividade, Pêcheux (1997, p. 175) afirma que: “o pré-consciente caracteriza a retomada de uma representação verbal (consciente) pelo processo primário (inconsciente), chegando à formação de uma nova representação, que aparece conscientemente ligada à primeira, embora sua articulação real com ela seja inconsciente”.

Quando a professora maluquinha opta por determinada metodologia de aprendizagem escolar, articula pensamentos, seleciona palavras, ela não está apenas realizando frases. Concomitantemente aos fatores gramaticais que conferem significado ao que ela diz ou escreve; inscrevem-se, nas práticas sociais, os fatores discursivos por meio dos quais os significados se transformam em sentidos, especializados conforme o contexto histórico a que a maluquinha pertence. Nesse âmbito, há de se reconhecer que os discursos vinculam-se a condições de produção, externas aos interlocutores, que determinam o que dizer em contextos discursivos específicos. Os discursos podem coexistir, permanecer ou apagar-se. Em outras palavras, a formação discursiva selecionada pela maluquinha coexiste, de modo conflitante, com a de outras professoras contemporâneas dela. Na verdade, ainda hoje, o discurso da professora maluquinha, representativo de uma metodologia educacional que teve origem no século XX, permanece coexistindo com outros posicionamentos metodológicos, considerados obsoletos e ultrapassados. Em relação a isso, Foucault (2010, p. 10-11) esclarece que: “não interrogo os discursos sobre o que, silenciosamente, querem dizer, mas sobre o fato e as condições de sua aparição manifesta; não sobre os conteúdos que podem encobrir, mas sobre as transformações que efetuaram”.

As enunciações de maluquinha podem ser analisadas tanto intradiscursivamente quanto interdiscursivamente. Do ponto de vista intradiscursivo, percebe-se entre as

enunciações da professora um fio de coerência que as remete a um discurso específico, a um posicionamento pedagógico. Em âmbito interdiscursivo, as enunciações da professora provocam adesões ou repulsas manifestadas por enunciações de outros (as) professores (as). Assim, a interpelação do sujeito falante em sujeito discursivo decorre da relação entre os enunciados produzidos por ele e os enunciados de outros sujeitos falantes, igualmente interpelados em sujeitos discursivos a partir da relação entre os próprios enunciados e os de outrem. Desse modo, um sujeito falante, na manifestação de uma sequência discursiva, em termos intradiscursivos, mantém vínculos com outras sequências discursivas, as quais retoma, consciente ou inconscientemente.

Percebe-se, por exemplo, interdiscursividade entre os enunciados da professora maluquinha e as postulações defendidas por meio do Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova (1932) no sentido de que ambas as formações discursivas evocam a necessidade de mudanças na prática docente brasileira. Nesse manifesto, Fernando de Azevedo e outros pesquisadores reconhecem a necessidade de que a educação seja pensada de modo que não se priorizem apenas resultados tal qual na física ou na química. Na educação, os meios são tão importantes quanto os fins. Assim, além de “o que aprender”, “o como aprender” passa a ser relevante nos estudos pedagógicos. Nesse contexto, Azevedo *et al* (2010, p.34), no Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, afirmam que “o físico e o químico não terão necessidade de saber o que está a se passar além da janela de seu laboratório. Mas o educador, como o sociólogo, tem necessidade de uma cultura múltipla e bem diversa [...]”.

A partir do pressuposto de que um enunciado é sempre cercado por outros enunciados, as sequências discursivas da professora maluquinha, personagem da literatura, remetem a sequências discursivas do “Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova”, defensores de uma reconfiguração metodológica da educação brasileira. Esse documento, por sua vez, evoca o discurso do Iluminismo, também chamado Ilustração, movimento de origem europeia que defendeu, no século XVIII, o racionalismo em oposição ao dogmatismo religioso. Essas retomadas discursivas ocorrem inclusive a partir da seleção de itens lexicais que sugerem interdiscursividade. Acerca disso, Azevedo *et al* (2010, p. 38) reconhecem que “ilustrados, às vezes, e eruditos, mas raramente cultos, não

assimilamos bastante as ideias para se tornarem um núcleo de convicções ou um sistema de doutrina.”

Nesse trecho, usa-se o termo “ilustrados” numa referência explícita à Ilustração, movimento de ordem liberal, racionalista, no qual se inclui a partir do uso da primeira pessoa em “assimilamos”. Como se percebe, o autor sugere que o uso da razão e da erudição pelos membros desse movimento não é suficiente para definir um “sistema de doutrina” eficaz para a educação brasileira. No manifesto, os autores propõem uma “educação nova” em substituição a uma “artificial e verbalista”, até então praticada. Emerge, nesse documento, a proposta de aprendizagem escolar estendida a “todos os grupos sociais”, numa concepção humanística. Essa visão certamente foi de encontro aos interesses de uma elite minoritária privilegiada, até o século XIX, com o direito à escolarização. Nesse contexto, Azevedo *et al* (2010, p.40) salientam que “ A educação nova [...] assume [...] a sua verdadeira função social, preparando-se para formar ‘a hierarquia democrática’ pela ‘hierarquia das capacidades’, recrutadas em todos os grupos sociais, a que se abrem as mesmas oportunidades de educação.”

Percebe-se entre “Uma professora muito maluquinha”, discurso literário, e o “Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova” uma rede interdiscursiva que remete ao discurso iluminista europeu no sentido de propor, explícita ou implicitamente, mudanças nas relações entre o homem e conhecimento, incluindo-se os métodos de exercício docente e discente no Brasil. Nesse contexto, a professora maluquinha, personagem criada por Ziraldo, e os autores do manifesto representam sujeitos falantes por meio dos quais materializam-se sequências discursivas pertencentes à formação discursiva da modernização da prática docente, bem como da ampliação do acesso discente. As Sequências Discursivas, doravante SD, transcritas do livro analisado, apresentadas a seguir, evocam uma metodologia de aprendizagem escolar que ultrapassa a mera transmissão de saberes inquestionáveis, restritos aos livros didáticos:

SD1 “ Na sala da secretaria do velho grupo escolar tinha um globo. Sem fazer qualquer pergunta, nós sabíamos que aquele globo era a Terra e que a gente morava nele. ‘E como é que a gente não cai? A gente mora dentro?’ Ela disse: ‘Amanhã vamos fazer uma excursão ao ginásio para o professor de Geografia explicar para nós por que a gente não cai do globo terrestre’.” (ZIRALDO, 1995, p. 41)

- SD2 “ Um dia, ela decidiu que cada capítulo tinha que ser lido por um menino ou uma menina. Então, a qualidade da novela caiu muito. Muito mesmo. A gente ainda lia meio mal e valia vaia, assobios e até tomates e ovos, se houvesse tomates e ovos na sala.” (ZIRALDO, 1995, p. 53)
- SD3 “ Então, de repente, o Padreco batia na porta. Rápido, rápido – sob o comando da professora – a gente dava cambalhotas na carteira para esconder as revistinhas, antes que ele entrasse na sala.” (ZIRALDO, 1995, p. 45)
- SD4 “ E era tanto barulho na sala, e era tanto riso e tanta alegria que lá vinha a diretora saber o que estava acontecendo: ‘Vocês estão prejudicando as outras classes’.” (ZIRALDO, 1995, p. 32)
- SD5 “ Os filmes demoravam anos para chegar lá. Os jornais demoravam dias. As revistas, às vezes, nem chegavam. Nossa cidadezinha era muito longe do mundo. Era a voz do rádio que nos colocava no mesmo tempo do Sol, com as notícias da guerra e uma forma de mundo que nós somente podíamos reconhecer pelo som. Hoje ainda nos perguntamos: o que teria levado nossa pequena professora a descobrir caminhos, tão difíceis de imaginar, para ir ao encontro da felicidade? De onde vêm as informações para o uso da vida?” (ZIRALDO, 1995, p. 78-79)

Na SD1, percebe-se que maluquinha, além de permitir a seus alunos questionarem, exteriorizarem suas curiosidades, protela as respostas para “amanhã”, momento culminante de reflexão acerca das dúvidas de cunho geográfico manifestadas pela turma. Reconhecendo a necessidade de que outro professor participe daquela situação enunciativa, maluquinha propõe que a aprendizagem seja interdisciplinar, intertextual, interdiscursiva. Esse é um dos traços metodológicos que vai de encontro à prática de outras professoras que trabalham na mesma escola. Instaura-se, desse modo, um conflito entre a formação discursiva de maluquinha, que representa um discurso transformador e de outras adeptas de um discurso conservador. Na SD2, observa-se que um dos alunos reconhece que a turma lê mal, entretanto, a professora, com estratégias descontraídas, inaceitáveis numa “escola tradicional”, estimula a prática da leitura ludicamente.

Em relação a tabus de ordem religiosa, a maluquinha se posiciona de modo considerado “herege” a partir da concepção de “escola tradicional” com que ela discorda. Essa postura “anarquista”, em que maluquinha realiza uma prática “secreta”, de natureza “subversiva” pode ser percebida na SD 3 que sugere um não licenciamento da leitura de gibis pelos padrões da escola de então. O “Padreco”, no livro em análise, é professor de

catecismo na escola onde a professora maluquinha trabalha. Ele considera “pecaminosa” a leitura de gibis. Essa visão de mundo, inserida em uma formação ideológica dogmática, vincula-se à “Escola Tradicional”, de acordo com a categorização contida no Manifesto Escola Nova. Maluquinha, num posicionamento contradiscursivo, estimula a leitura de histórias em quadrinhos, entre outros gêneros. Desse modo, assume uma formação ideológica laica, que prevê a cisão entre os ideários religiosos e científicos. Essa atitude está associada à “Escola Nova”, proposta antagônica à “Escola Tradicional”. Acerca da efetivação de uma aprendizagem escolar laica, Azevedo *et al* (2010, p.45) afirmam que “a laicidade, que coloca o ambiente escolar acima de crenças e disputas religiosas [...] subtrai o educando, respeitando-lhe a integridade da personalidade em formação, à pressão perturbadora da escola quando utilizada como instrumento de propaganda de seitas e doutrinas”.

A propósito, a seleção lexical observada no Manifesto Escola Nova remete ao discurso iluminista, conforme já fora mencionado. Acerca disso, contabilizam-se, no manifesto, 75 ocorrências de “espirit-”. Essa recorrência sugere uma exaltação à cientificidade, em oposição ao dogmatismo religioso, já que, no Iluminismo, a espiritualidade vincula-se ao exercício da razão. Nesse contexto, para Pinto (2003, p.64), “o ‘espírito humano’, tal como Humboldt o põe, é capaz de conhecimento, de ciência, pelo concurso da sensibilidade e do entendimento. E é capaz ainda de celebrar a indissociabilidade entre corpo, real e mente.” Sobre essa noção de “espírito”, o autor acrescenta que “numa acepção específica, inclusive, torna viável o conhecimento graças às faculdades [...] que o “espírito” possui de pensar e intuir, com a ênfase sobre a possibilidade humboldtiana de encenar a origem intuitiva de sua moderna acepção” (PINTO, 2003, p. 64-65).

Desse modo, o discurso da professora maluquinha, de ordem literária, apresenta similaridades com o discurso dos escolanovistas, de ordem pedagógica, e com o discurso dos iluministas, de ordem filosófica. Esse fenômeno é comprovado por meio da ocorrência de determinadas palavras, contidas na memória coletiva, que evocam outros discursos, de maneira transcendente. Assim, repetem-se não apenas estruturas lexicais ou gramaticais, transferem-se, de um discurso a outro, materialidades semânticas, que

veiculam cosmovisões, juízos de valor estabelecidos discursivamente. Em contrapartida, simultaneamente à adesão de maluquinha aos discursos escolanovista e iluminista, ela se opõe ao discurso conservador, categorizado como “tradicional”. Assim, a discursividade pressupõe o discurso e o contradiscurso. As formações discursivas ligadas ao campo da educação representam espaços delimitados em que os sujeitos falantes manifestam seus posicionamentos a partir da adesão a uma formação ideológica ou outra, por exemplo, “Escola nova” ou “Escola tradicional”.

Essa ideia de discurso em oposição a um contradiscurso está presente no livro “Uma professora muito maluquinha” por meio da comparação entre as formações discursivas de maluquinha, bem como seus alunos e outros funcionários da escola, que discordam das inovações metodológicas de maluquinha. Esse embate ideológico, materializado discursivamente, pode ser demonstrado na SD4 em que se observa um contraste semântico entre “barulho”, termo que remete a desordem; e “alegria”, item que evoca bem-estar. Pode-se inferir, de acordo com essa enunciação, que, em relação aos contextos de sala de aula, o som nem sempre representa “bagunça” e o silêncio nem sempre está relacionado à aprendizagem. Assim, os ditos, nesse livro sugerem não ditos cujos sentidos estão imersos em contradiscursos, decorrentes de associações com outros discursos contrários, contemporâneos e/ou anteriores.

As formações discursivas representam formações ideológicas no sentido de reafirmar a não imanência do sentido enunciativo. Em outras palavras, o que se pensa, o que se diz, o que se defende, o que se rejeita vincula-se a um posicionamento que reflete uma cosmovisão, configurada a partir de fatores contextuais, isto é, ligados ao tempo e ao espaço socialmente compartilhados por enunciadores e enunciatários. Ocorre identificação do sujeito discursivo na medida em que ele é interpelado em sujeito falante (sujeito de seu discurso), a partir da escolha de uma formação discursiva que, por sua vez, representa uma formação ideológica. O fenômeno chamado desidentificação corresponde ao processo de rompimento com determinado discurso, seguido por nova identificação, isto é, adesão a outro discurso com o qual o sujeito falante se identifica. Essa relação ideológica entre o sujeito falante e o sujeito discursivo é chamada posição-sujeito.

No livro em análise, contextualizado numa escola mineira interiorana, durante a primeira metade do século XX, as enunciações evocam, em nível interdiscursivo, situações anteriores à chegada da televisão e ao computador. Assim, haja vista as limitações dos meios de comunicação impresso e radiofônico em uso no Brasil, pode-se considerar que a dispersão das reflexões ideológicas ligadas à proposta escolanovista no país ocorreu em ritmo lento. A partir desse pressuposto, mudanças constitucionais, por exemplo, não representavam transformações imediatas nos cotidianos escolares. Nesse contexto, a SD 5 permite observar o estágio de desenvolvimento dos meios de comunicação de massa da cidade onde a professora maluquinha trabalhava.

Além da distinção entre texto e discurso, convém discernir “autor da formulação” e “sujeito do enunciado”, “função vazia” que pode ser preenchida por qualquer indivíduo, o sujeito falante, “autor da formulação”. Considerando-se que a materialização de enunciados constituintes de discursos específicos decorre de fatores históricos, de ordem ideológica, pode-se pensar em sequências discursivas como eventos de fala em que os enunciadores utilizam e reutilizam enunciados a fim de reafirmá-los ou negá-los com base em uma ou outra concepção de sociedade. O sujeito falante, a partir de concepções discursivas, não é autor individual do discurso proferido. Trata-se de uma autoria compartilhada por outros que o antecederam. Outrossim, essa formulação coletiva, por sua vez, certamente desencadeará enunciados futuros. Em relação à interferência do contexto espaço-temporal nos fenômenos discursivos, Foucault (1995, p. 113) afirma que “de início, desde sua raiz, ele [o enunciado] se delineia em um campo enunciativo onde tem lugar e *status*, que lhe apresenta relações possíveis com o passado e que lhe abre um futuro eventual”.

Assim, uma análise em nível discursivo (enunciativo), diferentemente de uma análise em nível textual (gramatical), exige do analista uma reflexão acerca das condições de produção de um discurso. Desse modo, há de se investigar: (i) Por que ocorre determinada enunciação em vez de outra? (ii) A que segmento social se vincula uma enunciação em particular? (iii) Que fatores teriam motivado essa vinculação? (iv) Que efeitos de sentido essa enunciação pode provocar? (v) Que outras enunciações podem advir desta? Enfim, a interpretação de um livro, com base na Análise do Discurso,

ultrapassa a identificação de personagens, narração de enredo, a categorização de foco narrativo e outras práticas usuais na Teoria Literária. Uma análise discursiva dos enunciados contidos em um livro exige do leitor certa sensibilidade para perceber vínculos com enunciados de outros livros, relações dos enunciados desse livro com os enunciados de outros suportes, aproximações entre o gênero do livro, literário no caso de “Uma professora muito maluquinha”, e outros gêneros, impressos ou não, a ligação entre os enunciados contidos no livro e outros que o antecedem ou seguem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de disputas ideológicas, efetivado por meio de discursos, é legitimado institucionalmente. Assim, a família, a escola, a igreja, entre outras instituições sociais, determinam o “que pode e deve ser dito” (PÊCHEUX, 1997, p. 160-161). Os enunciadore, nesse contexto, têm a ilusão de autonomia de seu pensar e saber, de autoria de seus discursos, de controle e autoconhecimento, porém as formações discursivas são sempre atravessadas por enunciados oriundos de outras formações discursivas. Desse modo, instauram-se paradoxos enunciativos, entre eles, unidade/diversidade, coerência/heterogeneidade.

Com base no pressuposto de “dispersão e repartição de enunciados” (FOUCAULT, 1995, p. 124), o ideário iluminista, essencialmente racionalista, contagia os mais diversos segmentos humanos: a arte, a religião, a ciência, entre outros. Em âmbito educacional, por exemplo, a Gramática de Port Royal (1660), publicada por Antoine Arnauld e Claude Lancelot na França, num contexto em que o Iluminismo começa a se estruturar, representa uma ruptura com as metodologias de aprendizagem em vigor na Europa. Para Foucault (2002), a Gramática de Port Royal representa uma das bases da *episteme* moderna.

Como na metáfora da pedrinha jogada num rio, essa “dispersão e repartição de enunciados” iluministas atinge as formações ideológicas e discursivas do Brasil recém-republicano. Do ponto de vista contextual, o país vivenciara em 1888 e 1889, a oficialização, respectivamente, da abolição da escravatura e da proclamação da

República, desencadeadas por fatores internacionais, que não foram discutidos neste artigo. Com mais homens livres, a escola precisaria de nova reconfiguração tanto que, no Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova (1932), defende-se uma “hierarquia democrática pela hierarquia das capacidades, recrutadas em todos os grupos sociais, a que se abrem as mesmas oportunidades de educação” (AZEVEDO *ET AL*, 2010, p. 40).

A proclamação da República representa uma ruptura com o regime monárquico e, por extensão, com o poder eclesiástico nas decisões estatais, entre elas, a laicização da aprendizagem escolar. Assim, o início do século XX é marcado por profundas transformações sócio-político-econômicas. A partir dessas mudanças, os docentes precisariam romper com paradigmas escolares monárquicos, ainda arraigados em metodologias jesuíticas, que previam, além de castigos físicos, posicionamentos dogmáticos e proselitistas em relação ao processo de aprendizagem. Além disso, a ampliação do direito à escolarização, antes restrita a uma elite oligárquica, e a formação de turmas mistas emergem nessa reorientação ideológica de base liberal-iluminista.

Em relação ao livro “Uma professora muito maluquinha”, de Ziraldo, publicado em 1995, a formação discursiva de maluquinha remete à formação ideológica escolanovista, de base iluminista. Acerca disso, a narrativa que maluquinha protagoniza é construída em um contexto recém-republicano no interior de Minas Gerais, em meados de 1940. Desse modo, os enunciados de maluquinha permitem filia-la à “Escola Nova” em oposição à “Escola Tradicional”, que tem adesão de todos os outros funcionários da escola onde a “anarquista”, como o padre professor de catecismo a chama, trabalha.

Como a arte imita a vida e a vida imita a arte, a professora maluquinha, personagem, pode ter o seu discurso inovador praticado por outras “maluquinhas”, em outras escolas não fictícias. O anonimato da protagonista, nesse contexto, corrobora a noção de apagamento do sujeito na medida em que outros indivíduos, sujeitos falantes, de outros tempos e lugares, inclusive não docentes, podem assumir o discurso, a ideologia de maluquinha. Assim, a partir do pressuposto de que as formações ideológicas e discursivas se apagam ou se repetem, outras professoras ulteriores à maluquinha, docentes não ficcionais do século XXI, podem se inspirar nela de modo a materializar discursos na defesa de uma aprendizagem escolar serotoninica.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Fernando de. et al. **Manifestos dos pioneiros da Educação Nova (1932) e dos educadores (1959)**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. 122 p. (Coleção Educadores)

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

_____. **As palavras e as coisas**. Trad. Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____. Resposta a uma questão. In: MOTTA, Manoel Barros (Org.) **Michel Foucault: Repensar a Política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. (Ditos & Escritos. v. VI) p. 1-24.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso: Uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas: EDUNICAMP, 1997, p. 123-185.

_____. **Estrutura ou Acontecimento**. Campinas: Pontes, 1997.

_____. Análise do Discurso na França. In: PIOVEZANI, Carlos; SARGENTINI, Vanice. **Legados de Michel Pêcheux inéditos em Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2011, p. 95-115.

PINTO, Lúcia R. V. **Natureza, Ciência e Estética em Alexander von Humboldt**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Mauad, 2003. v. 1. 215p .

ZIRALDO. **Uma professora muito maluquinha**. 16^o edição. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1995.

SOBRE A AUTORA:

Doutoranda e Mestra em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (UFG), Especialista em Língua e Literatura e Licenciada em Letras pela Universidade Estadual de Goiás (UEG), professora de Língua Portuguesa em nível básico nas redes estadual e municipal em Anápolis, Goiás.